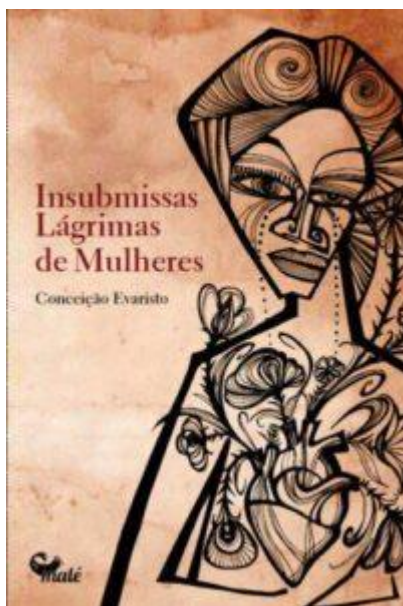


COLUNA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA

A sabedoria e a sagacidade da mãe insubmissa

Por Taís dos Santos Abel¹

“Me perdi pelo caminho
 Mas não paro, não
 Já chorei mares e rios
 Mas não afogo não”²



A epígrafe vem da canção *Dona de mim* (2018) da cantora, intérprete e compositora chamada Iza. A composição musical traz à tona toda a luta que as mulheres enfrentam no seu dia – dia. Focado principalmente nas mulheres negras, a música anuncia que aquelas que diziam “sim” para tudo, agora se sentem livres para dizer não. A contemporaneidade dessa música corrobora com a proposta que se pretende apresentar.

Este estudo desenvolve uma reflexão em torno dos contos de *Insubmissas Lágrimas das mulheres* (2016), de Conceição Evaristo. A autora, mestre em Literatura Brasileira (PUC-RIO) e Doutora em Literatura Comparada (UFF), nascida em Belo Horizonte, em 1946, teve sua primeira obra publicada em 1990 e vem conciliando sua vida docente e produção literária com a maternidade.

Com 13 contos, a obra em análise concentra-se em relatos de mulheres que não se permitiram silenciar diante da sociedade patriarcal. As protagonistas-mães estão em maior evidência na maioria dos contos, vivendo as alegrias, os impasses e sofrimentos que a maternidade pode gerar.

A partir do diálogo que é possível ser feito com a teoria de bell hooks e outras teorias feministas, o trabalho propõe a análise da forma como a mulher – mãe é

¹ Mãe atípica, Professora, Doutoranda em Letras Vernáculas – UFRJ e integrante do Grupo de Pesquisa Escritas do Corpo Feminino, CNPQ/UFRJ

²² Música *Dona de mim*, intérprete e compositora Iza (2018)

tratada no âmbito social e como ela se reinventa em prol de seus filhos, fazendo grandes descobertas que trazem consequências positivas para suas famílias. Para tal análise, pretende-se concentrar na história da mãe Isaltina Campo Belo, cujo o conto se intitula por seu nome.

Iniciamos a análise do conto sobre a vida de Isaltina. Ela nascera em um ambiente onde sempre se sentira estranha, apesar de ser membro de uma família considerada abastada e bem respeitada na cidade. A mãe dela gostava de deixar clara a luta para que seus antecedentes fossem alforriados. Já seu pai relatava a dificuldade de sua família para que ele pudesse ser o primeiro a completar os estudos. Esses relatos enchiam-na de dignidade e lhes dariam uma infância feliz, se não fosse uma dúvida que a perseguia: Ela se sentia um menino e fato de ninguém perceber isso a deixava chateada.

Alguns acontecimentos como uma crise de apendicite, a chegada de sua menstruação e a ausência de uma vida amorosa a fizeram sentir-se cada vez mais deslocada da família. E por crescer inibindo seu desejo por outros corpos iguais ao dela, ao fazer vinte anos, buscou trabalhar como enfermeira fora da cidade. Assim, encontrou um lugar em que a privacidade dela era mais respeitada, porém favorecendo que ela mantivesse contida a vontade de ser um homem.

Um dia Isaltina sentiu-se à vontade para abrir-se com um colega que estava interessado nela, admitindo gostar de meninas assim como ele. O rapaz não acreditou no desinteresse dela por homens e a colocou numa armadilha: uma festa de aniversário em que havia duas mulheres e o restante eram homens. Após chegar ao evento e perceber que era a única mulher que havia restado, Isaltina foi surpreendida pelo seu falso amigo e mais cinco homens que estavam dispostos a ensinar-lhe a ser fêmea, imagem que ela pouco gosta de lembrar pois provocava-lhe asco. Contudo, desse ato asqueroso veio a gravidez, que só foi percebida quando já estava no sétimo mês de gestação. Como saberia quem era o pai? Impossível. Mesmo assim, ela assumiu aquela criança com muito amor e afeto. Voltou para sua cidade natal por um tempo e seus pais ficaram felizes em conviver com a neta, embora não soubessem como e com quem ela havia sido gerada. Após um tempo, já fortalecida, Isaltina partiu com a filha para outra cidade. Eis que a vida das duas dá uma grande reviravolta. “E quem me trouxe o vento da bonança foi ela, minha filha.” (EVARISTO, p.66). Walquiria é matriculada no jardim de infância e na primeira reunião de pais, há troca de olhares sinceros entre Isaltina e a professora da filha.

Esta protagonista constatou que o menino que havia nela reapareceu crescido e estava pronto para uma grande descoberta:

Voltei a minha infância, imagens embaralhadas se interpunham entre mim e a moça. Minha mãe, meu pai, minha operação de apendicite ...nesse emaranhado de lembranças, lá estavam meu corpo – mulher, cena de estupro, minha filha nascendo. E de repente, uma constatação me apaziguou. Não havia um menino em mim, não havia nenhum homem dentro de mim. Eu, até então, encarava o

estupro como um castigo merecido, por não me sentir seduzida por homens.
(EVARISTO, p.66, 2014)

Isaltina encontrou, assim, seu grande amor que durou por toda vida, Miríades, a professora de sua filha, com quem viveu até sua morte.

Com o breve resumo da narrativa, acredita-se que a protagonista poderia apresentar muitos motivos para justificarem sua angústia. No entanto, toda essa angústia a impulsionou a buscar mais ganhos para sua vida pessoal e profissional.

Por toda sua infância foi silenciada, tendo em vista que a sociedade patriarcal se sobrepõe de tal forma que se fez impossível a ela reivindicar o lugar de autodefinição. Apesar das cobranças, ela não se rendeu assim como muitas mulheres se rendem. Como diz HOOKS, em seu livro, *O feminismo é para todo mundo* (2018), jamais será possível saber quantas mulheres permanecem em relações heterossexuais porque não se imaginam felizes sem homens, sendo satisfeitas sexualmente ou não. Já as mulheres que se identificam como mulheres, sejam elas héteros, bissexuais ou lésbicas, raramente tratam o homem como prioridade na vida. E isso ameaça o patriarcado porque essas mulheres transgridem muitos dos tabus ditados pelo mesmo.

Por conta desse cenário machista, a menina não tinha condições de entender o porquê de querer ser um menino. Sendo assim, esse pensamento, que parecia errado, foi impedido de ser exposto por toda a sua infância à vida adulta.

Isaltina em nenhum momento enfrentou a família em prol de sua sexualidade, logo, sabiamente, decide se ausentar da cidade para que pudesse ter espaço para assumir sua identidade. Até porque a pressão familiar para que casasse e tivesse filhos a fazia sentir culpada e envergonhada, uma vez que as interdições externas impostas pelo patriarcado haviam sido internalizadas por ela.

A falta de entendimento do seu “eu” a levou cair numa emboscada, onde é violentada bruscamente. Nesta cena, pode-se enxergar homens que, sem nenhuma culpa, abusam do corpo da mulher contra a vontade dela. Para eles, isso é natural já que recai sobre homem a responsabilidade de “cuidar” da vida sexual da mulher.

Essa relação é bem descrita por Angela Davis em *Mulheres, raça e classe* (2016), ao demonstrar que nas fases iniciais do movimento antiestupro contemporâneo, as mulheres negras sempre que denunciavam estupro eram hostilizadas e desacreditadas, uma vez que elas arrastavam ou arrastam a imagem de promiscuidade. Imagem esta sucumbe desde o tempo da escravidão em que a mulher negra começou a se ver de forma depreciativa não só como mulher, mas também como ser humano.

Por isso, a mulher, diante do estupro, carrega a culpa e a vergonha. Portanto, Isaltina achava que estava sendo castigada por querer ser menino. Na verdade, ela passou a entender que ela não precisava ser menino para gostar de meninas. Acredita-se que por estar atenta e com uma mente preparada a descobrir o que de melhor estava por vir, Isaltina encontra Miríades.

Caberia julgar o porquê de considerar Isaltina uma mulher sábia, uma vez que fora estuprada e não denunciou nem buscou vingança a nenhum deles. A sabedoria está na atitude dela em parir a criança resultado dessa situação e dar amor a ela. Cabe pensar que a atitude da protagonista demonstra que ela sabe seus atributos e sua capacidade de desafiar. Ela fez o que considerou melhor diante de uma sociedade conservadora.

A maternidade surgiu na vida de Isaltina, mas não a eximiu de seguir seu caminho. Ao contrário disso, a maternidade passou a ser a força impulsionadora para realizações dela. Todo caminho traçado lado a lado de sua filha não lhe trazia a desgraça do estupro e sim o orgulho de ter vencido muitos obstáculos. Ao narrar a história de sua vida para a narradora- personagem, ela segurava a foto da filha como se fosse um troféu. Esta filha trouxe a Isaltina toda a sagacidade que ela precisava para se encontrar como homossexual, se aceitar e viver um casamento feliz com outra mulher.

Para que Isaltina se encontrasse, era de grande importância que ela estivesse a viver por encontrar algo que a surpreendesse. Por isso, de muitas situações que aconteceram ao acaso, na trajetória do conto, a protagonista consegue identificar e aproveitar as implicações do destino. Assim percebe que essa situação inusitada a levou sair de seu lugar de conforto e enfrentar questões novas, momentos em que o acaso lhe trouxe grandes revelações.

O acaso está relacionado à palavra serendipidade, por conta do encontro com a origem da surpresa, da busca pelas causas e da afirmação da necessidade de uma liberdade para a busca. Sylvie Cattelin em *Serendipité: du compte au concept* (2014), entende que a palavra acaso é “mot-écran” -, isto é, uma palavra exposta em relevo, como se fosse apenas uma imagem mais evidente. Logo, a sabedoria e sagacidade de Isaltina Campo Belo está relacionada com a potente palavra serendipidade – quando o acaso traz descobertas incríveis.

Enfim, assim como a pesquisadora Priscila Bezerra salienta em seu livro “O filho é da mãe?” (2018), a personagem em análise e outras da mesma obra de Evaristo optaram pela maternidade e não pelo soterramento de seu ser social, político e cultural. Então, apresentam o perfil de mulheres insubmissas e que transgridem, em seus cenários, as demandas do sistema patriarcal.

Após percorrer por espaços acadêmicos, pude reafirmar como é necessário discutir sobre o feminismo. Essa discussão deve focar principalmente na mulher negra, lésbica e pobre, pois essas características deixam essas mulheres muito mais marginalizadas pela sociedade do que as outras.

Por isso, faz-se interessante entender os questionamentos que circundam a decolonialidade para que um grupo bem expressivo de mulheres não mais se silencie diante das atrocidades sofridas. E a livros escritos por mulheres negras mediam essas vozes, expondo os problemas sociais que algumas mulheres sofrem e que as impede de viver em sociedade com dignidade. Conceição Evaristo é um exemplo de escritora que tem a função essencial de ser a voz das mulheres marginalizadas.

As personagens de Conceição vivem situações muito próximas da realidade, tornando o texto mais palpável e reflexivo. Assim, pode-se dizer que a autora é uma grande representante do mais recente conceito de decolonialidade, pois sua escrita transgride às leis impostas pelo patriarcado e empodera a mulher, que na maioria das vezes, reverte sua derrota em vitória.

Enfim, essa reversão só acontece por se tratar de mulheres que estão sempre atentas a extrair o melhor da vida diante do acaso. Portanto, essa disciplina foi importante para nortear minhas pesquisas no que tange à palavra serendipidade e suas implicações nas literaturas de escritoras negras.

BIBLIOGRAFIA

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Sejamos todos feministas*. Trad. Christina Baum. São Paulo: Companhia das letras, 2015.

_____. *Para educar crianças feministas: um manifesto*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das letras, 2017.

BEZERRA, Priscila. *O filho é da mãe?* Fortaleza: Substância, 2017

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar – 3ª Edição – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

CATELLIN, Silvie. *Serendipité*. Paris: Éditions Du Seil, 2014.

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. Trad. Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

EVARISTO, Conceição. *Insubmissas lágrimas das mulheres*. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

GONÇALVES, Ana Maria. *Um defeito de cor*. Rio de Janeiro : Record, 2017

HOOKS, bell. *O feminismo é para todo mundo : políticas arrebatadoras*. Trad. Ana Luiza Libânio. Rio de Janeiro : Rosa dos Tempos, 2018.

SALGADO, Maria Teresa e SEPÚLVEDA, Maria do Carmo (orgs). *África & Brasil: Letras em Laços*. Rio de Janeiro: Editora Atlântica, 2000.



Revista África e Africanidades, Ano XVI – ed. 46, maio, 2023 – ISSN: 1983-2354
<http://www.africaeaficanidades.com.br>

SECCO, Carmen Tindó, SEPÚLVEDA, Maria do Carmo e SALGADO, Maria Teresa, (Orgs.). *África & Brasil: letras em laços*. Vol. 2. São Caetano do Sul, SP: Yendis Editora, 2010.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?*; tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.